



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

***OUTRA FORMA DE VER?***  
***A CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE***  
***CRIANÇAS CEGAS E AMBLIOPE***

II Ciclo de Estudos em Ciências da Educação  
Educação Especial

**Maria Inês Pelaio Macedo Costa**

Dissertação de Mestrado Orientada por:  
Professora Doutora Maria João Carapeto

Braga, 2012

**ÍNDICE**

<b>ÍNDICE DE SIGLAS .....</b>	<b>V</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS .....</b>	<b>VI</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>VIII</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS .....</b>	<b>IX</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>X</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>XI</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>XIII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
 <b>PARTE I: MÓDULO CONCEPTUAL</b>	
<b>Introdução .....</b>	<b>19</b>
1. Deficiência Visual .....	20
1. 1. Cegueira .....	21
<i>1.1.1. Causas da Cegueira .....</i>	<i>23</i>
1.2. Ambliopia .....	24
1.3. Deficiência Visual e Educação .....	26
2. Autoconceito e Deficiência Visual .....	29
2.1. O Autoconceito .....	29
2.2. O Desenvolvimento do Autoconceito na Criança .....	31
<i>2.2.1. Conhecer e Avaliar o Autoconceito .....</i>	<i>35</i>
<i>2.2.2. Autoconceito e Rendimento Escolar .....</i>	<i>36</i>
2.3. O Autoconceito em Crianças Cegas e Ambliopes .....	41

**Parte II: ENQUADRAMENTO DO ESTUDO**

<b>Introdução .....</b>	<b>45</b>
1. Motivação do Estudo .....	46
2. Objetivos do Estudo .....	48
3. Hipóteses do Estudo .....	49

**Parte III: ESTUDO EMPÍRICO**

<b>Introdução .....</b>	<b>51</b>
1. Método .....	52
1.1. Amostra .....	52
1.2. Instrumentos .....	56
1.2.1. <i>Perfil de Autopercepção para Crianças e Pré-adolescentes</i> .....	57
1.2.2. <i>Questionário de Dados Sóciodemográficos</i> .....	59
1.3. Procedimentos .....	61
2. Resultados .....	64
2.1. Diferenças entre Crianças com Deficiência Visual e Crianças sem NEE: o Autoconceito .....	64
2.1.1. <i>Estatísticas Descritivas</i> .....	64
2.1.2. <i>Significância Estatística das Diferenças</i> .....	66
2.2. Diferenças entre Crianças com Deficiência Visual e Crianças sem NEE: o Rendimento Escolar .....	67
2.2.1. <i>Estatísticas Descritivas</i> .....	67
2.2.2. <i>Significância Estatística das Diferenças no Rendimento Escolar</i> .....	69
2.3. Associação entre as Dimensões do Autoconceito e a Autoestima, em cada subamostra .....	70
2.4. Associação entre as Dimensões do Autoconceito e o Rendimento Escolar, em cada subamostra .....	71
2.5. Alguns Resultados Adicionais .....	72

2.6.	Análise Qualittiva dos Casos Emparelhados .....	73
2.6.1.	Caso A .....	75
2.6.2.	Caso B .....	76
2.6.3.	Caso C .....	77
2.6.4.	Caso D .....	78
2.6.5.	Caso E .....	79
2.6.6.	Caso F .....	80
2.6.7.	Caso G .....	81
2.6.8.	Caso H .....	82
2.6.9.	Caso I .....	83
2.6.10.	Análise Qualitativa dos Casos: Sintetizando .....	84
3.	Discussão dos Resultados .....	85
4.	Conclusões .....	95
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>		<b>98</b>
<b>ANEXOS .....</b>		<b>106</b>

## RESUMO

A deficiência visual define-se como um dano parcial ou global do sistema visual que abrange um largo espectro de anomalias visuais, de entre as quais se destaca a cegueira e a ambliopia. Quer a cegueira, quer a ambliopia constituem alterações nas estruturas visuais, colocando, por isso, limitações à realização de atividades do quotidiano que envolvem, sobretudo, o sentido da visão.

Entende-se por autoconceito a percepção que a pessoa tem de si mesma. Ao fazer a sua autodescrição, a pessoa enumera juízos não só descritivos, como também valorativos, o que significa que o autoconceito está intimamente relacionado com a autoestima. Este processo de construção não envolve apenas a própria pessoa, mas sim todos os agentes que fazem parte integrante do seu quotidiano: família, amigos, professores, escola, entre outros.

Após revisão de um conjunto de pesquisas acerca da construção e desenvolvimento do autoconceito em crianças com deficiência visual, foi possível concluir que não existem fortes convicções sobre o assunto. Se, por um lado, há investigadores que defendem que esta autoconstrução não distingue pessoas deficientes de não-deficientes, outros sustentam que existe uma maior dificuldade em crianças com deficiência visual. Além do mais, não se encontrou referência a investigações na população portuguesa. Assim, a presente dissertação procura explorar a possibilidade de existirem diferenças ao nível do autoconceito entre crianças cegas e amblíopes e crianças sem necessidades educativas especiais, bem como diferenças ao nível do rendimento escolar, e ainda a relação entre autoconceito e este.

Constituiu-se, para isso, uma amostra de 18 crianças, 9 com deficiência visual (cegueira e ambliopia) e 9 sem necessidades educativas especiais, sendo estas duas subamostras emparelhadas (quanto à idade, sexo e ano de escolaridade). Aplicou-se a toda a amostra a escala de autoconceito *Como é que eu sou* (Harter, 1985), um Questionário de Dados Sociodemográficos, e recolheram-se dados do seu rendimento escolar no final do ano lectivo.

Os resultados sugerem que o grupo com deficiência visual se autoperceciona de modo mais favorável ao nível do comportamento e, tendencialmente, ao nível da autoestima global, enquanto o grupo sem necessidades educativas especiais se autoperceciona, de modo tendencialmente mais favorável, ao nível da competência atlética. Não se verificaram discrepâncias significativas relativamente ao rendimento escolar entre os dois grupos de crianças. Melhor rendimento escolar aparece associado a melhor comportamento autopercebido, nas crianças cegas e ambliopes e a uma mais favorável autoperceção da competência social nas crianças sem necessidades educativas especiais. Não se constatou uma associação significativa do rendimento escolar com a autoestima global, nem com a competência escolar autopercebida, em nenhum dos dois grupos. Os resultados são discutidos à luz da teoria e investigação existente.

**Palavras-chave:** necessidades educativas especiais; deficiência visual; autoconceito; autoestima; rendimento escolar.

## ABSTRACT

Visual impairments is defined as a total or partial damage to the visual system that covers a wide range of visual abnormalities, among which stands out blindness and amblyopia. Whether blindness or amblyopia constitute changes in visual structures, placing therefore limitations to perform activities of daily life, specially involving the sense of sight.

It is understood by self-concept the perception one has of himself. When making his self-description, a person enumerates not only descriptive judgments but also evaluative ones, meaning that the self-concept is closely related to self-esteem. This construction process involves not only oneself, but all the agents that are an integral part of their daily lives: family, friends, teachers and school, among others.

After reviewing a set of researches about the creation and development of self-concept in children with visual impairments, it was possible to conclude that there aren't strong views on this matter. If, in one hand, there are researchers who argue that this self-concept creation isn't distinguishable between disabled and non-disabled people, others argue that there is a greater difficulty in visually impaired children. Furthermore, no reference to this research in the Portuguese population was found. Thus, this dissertation intends to explore the possibility of the existence of differences at the self-concept level among blind and visually impaired children, and children without special needs, as well as differences in school performance, and also the relationship between the self-concept and this.

It was created for this purpose a sample of 18 children, 9 with visual impairments (blindness and amblyopia) and 9 without special educational needs, being these two subsamples matched (for age, sex and year of schooling). Applied to the entire sample was the self-concept scale of *What I Am Like* (Harter, 1985), a social-demographic questionnaire, and data was also collected from the children's academic performance at the end of the school year.

Results suggest that the group with visually impairments has a better self-perception at the behavioral level and tendentially at the global self-esteem level, while the group without special educational needs is tendentially more favorable self-perceived in terms of athletic competence. No significant discrepancies were verified with regard to academic performance between the two groups of children. There was no significant association between academic performance and global self-esteem or with self-known academic competence in none of both groups. The results are discussed in light of existing theory and research. A better academic performance is associated with a better self-known behavior among blind and visually impaired children, and the same is associated with a more favorable self-perception of social competence among the children without special needs.

**Keywords:** special educational needs; visual impairment; self-concept; self-esteem; academic performance.